



Mulheres, Escrita e Comunicação

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



#06 Edição - Mês da Mulher 2023

Mulheres, escrita e Comunicação

Estado do Rio Grande do Sul
Governador Eduardo Figueiredo Cavalheiro Leite

Secretária de Estado da Cultura
Secretária Beatriz Helena Miranda Araújo

Departamento de Memória e Patrimônio
Assessor Especial Eduardo Hahn

Museu da Comunicação Social Hipólito José da Costa
Diretor Welington Ricardo Machado da Silva

Núcleo Educativo
Renata Kaupe Veleda
Thalya Fragozo Aroldo

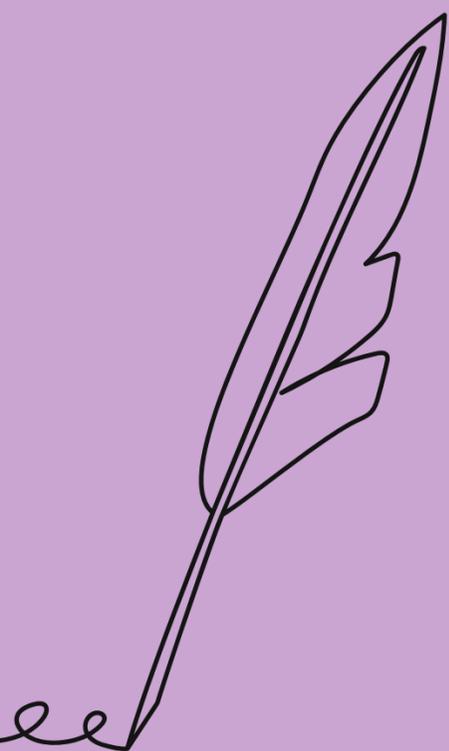
Associação de Amigos do Museu da Comunicação
Hipólito José da Costa
Presidente Bruno Predotti



Bem-vindos(as)(es) à **6ª edição do MuseCom em Rede**. Este caderno integra a programação do **Mês da Mulher da Secretaria de Estado da Cultura do Rio Grande do Sul** e é um convite para **conhecer e refletir** sobre a trajetória de algumas **mulheres no mundo da escrita e da imprensa**.

Vamos conhecer um pouco da trajetória de algumas **mulheres escritoras** no universo dos periódicos brasileiros. E olhar com mais atenção para as **revistas femininas e feministas** do período da ditadura militar. O que era considerado de **interesse feminino**? Quem escrevia nessas revistas? Que **desafios** as mulheres encontraram para **conseguir espaço** para sua escrita nas páginas dos jornais e revistas? E **como a mulher era retratada** na comunicação impressa?

Estas são **algumas questões** que encontraremos nas páginas a seguir a partir do **nosso acervo de jornais e revistas**.





Mulheres no Mundo da Escrita: Panorama

Segundo pesquisas feitas para o livro "*Imprensa Feminina e Feminista no Brasil: século XIX*" publicado em 2016, da autora Constância Lima Duarte, foi descoberto que a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, no início do século XIX, que foi quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento. Foram os jornais os primeiros e principais veículos de comunicação femininos, que desde o início se configuraram em espaços de publicidade e resistência.



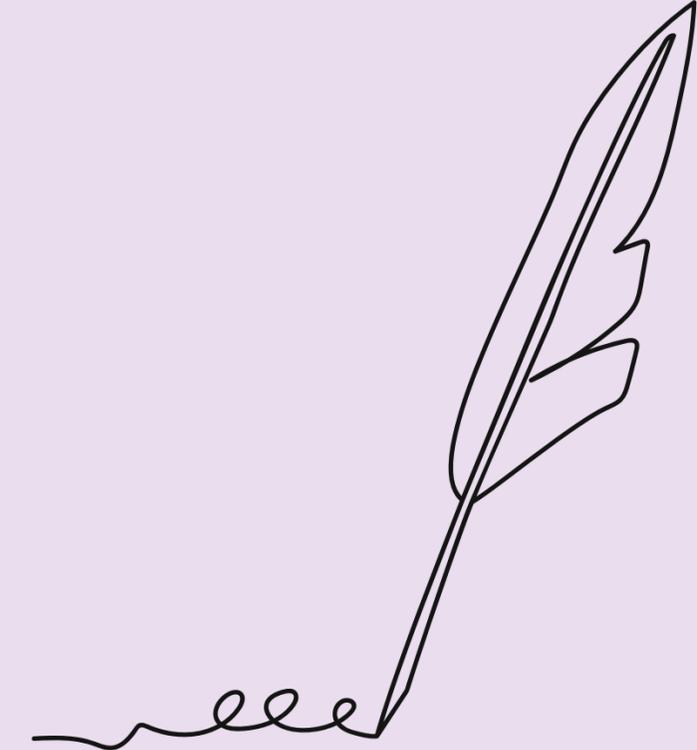
Com a vinda da família real para o Brasil, certas mudanças começaram no país, trazendo os costumes importados da Europa, como o letramento, a etiqueta e o gosto pela literatura. Logo o quadro começa a mudar e vai deixando de ser "heresia social" instruir o sexo feminino.

Nas pesquisas de Constância, foram achados 143 jornais e revistas feministas que circularam no Brasil no século XIX. Esta imprensa circulou nos centros, nas periferias, no litoral, no interior, na metrópole e até nas mais afastadas províncias. **É claro que essa circulação tinha limites, pois a maioria da população não tinha acesso a educação e era analfabeta.**

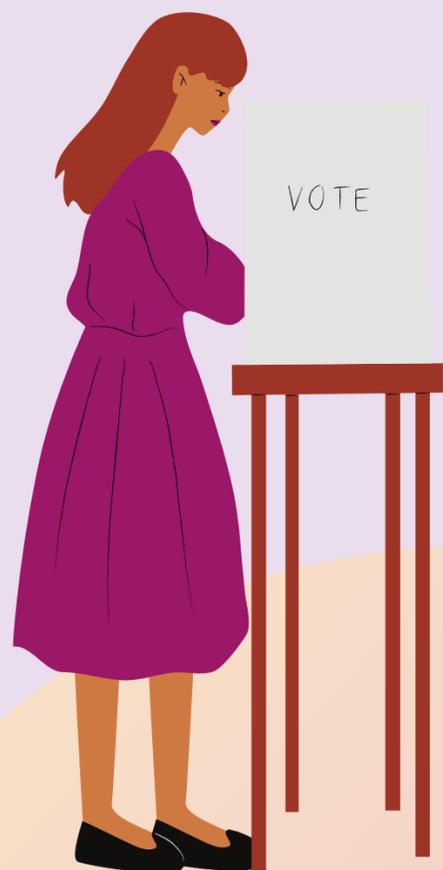
Conhecer tais documentos nos leva a novas reflexões acerca da tradição literária das mulheres, da profissionalização das primeiras jornalistas, da conscientização feminina, além de revelar estratégias utilizadas para driblar a censura ao se expressar publicamente.



As primeiras iniciativas femininas que se tem notícias no Brasil surgiram em Porto Alegre, em 1833, com a escritora Maria Josefa Barreto (1786? – 1837), com os títulos *Belona Irada contra os Séctários de Momo e Idade d'Ouro*, este que anteriormente era somente feito por homens. Ambos, francamente políticos, posicionavam-se a favor do Partido Conservador.



Maria Josefa Barreto era gaúcha da cidade de Viamão, e foi, apesar de politicamente conservadora e anti-farroupilha, militante e feminista. Na década de 1830, criou a primeira escola mista de Porto Alegre. Além de lecionar para meninos e meninas em um mesmo estabelecimento, ensinava filosofia, latim e geografia. O seu jornal *Belona* circulou até sua morte, em 1837.



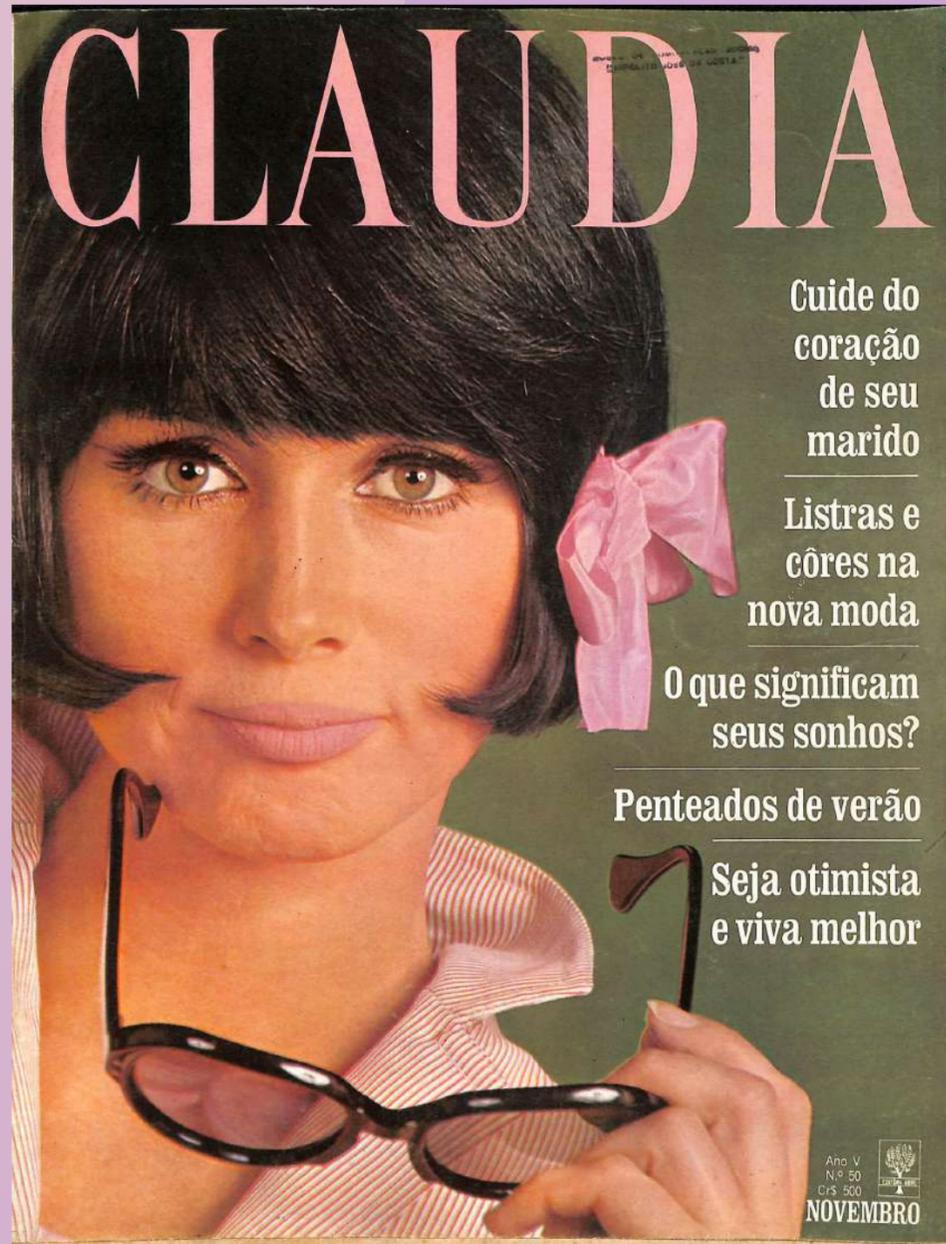
Mulher nas Revistas Femininas

As revistas femininas são publicações de caráter comercial voltadas para as **questões e problemas considerados femininos**. Mas o que seria **assunto de mulher**? Isso foi mudando ao longo dos anos. Por isso, podemos perceber nas capas, índices, publicidades e matérias das revistas femininas o **lugar social da mulher** na sociedade e na época na qual publicação foi produzida e lida.

Convidamos você a analisar capas, índices e manchetes de algumas publicações. Vamos ver quais são?



Bela, Recatada e do Lar



Capa da Revista Cláudia -Ano V,
nº50 novembro de 1965



Revista VEJA. Bela, recatada e do lar. Editora Abril: 18 de abril de 2016.



CLAUDIA

O MUNDO DE CLAUDIA	
Claudia responde	5
Caixa Postal-Intimidade	6
Horóscopo	14
A arte de comprar bem	17
Etiquêta	19
"Doutor, por favor..."	30
A arte de ser mulher	37
De mulher e de automóvel	86
Teste	102
Clínica infantil	104
O assunto é...	107
Viva melhor	119
MODA	
Côres e listras	50
Verão à moda da casa	54
Kiko Bracco	60
Flôres miúdas	74
BELEZA	
"Eu tenho um problema de beleza"	27
Beleza ao sol	48
Cuidados com os seus cabelos	64
COZINHA	
O frio sôbre a mesa	44
Uma festa galante	46
Jornal de cozinha	89
DECORAÇÃO	
Reconheça o estilo	34
Claudia veste sua casa	80
REPORTAGENS	
Peter Sellers	38
O coração de seu marido	40
O filho escolhido	42
Adolescência	66
Sonhos	70
CONTO	
Verônica, Pina e as outras	68
CRÔNICA	
Fernando Sabino	160
ESPECIAL	
Claudia realiza o seu sonho	32

Perguntas Para Pensar

Pelas publicações da última página e o índice da **Revista Cláudia** aqui do lado, **quais seriam as atividades e lugares das mulheres?** Você concorda com isso? Por que?

Nessas publicações **parece haver espaço** para falar dos **desafios das mulheres fora do ambiente doméstico?** Há espaço para pensar em mulheres **ocupando outros espaços?**

Você acha que a publicação da **Revista Veja** apresenta ideias semelhantes às da *Revista Cláudia* sobre a mulher? Você percebe essas ideias **em outras mídias?**



Chorar de tristeza é força de expressão, mas que a senhora vai ficar arrependida, isso vai.

A NOVA CÔR da enceradeira Walita *Modelo Máximo*, imitando madeira de lei, é tão linda, mas tão linda que... Bem, é melhor vê-la de perto.

O NÔVO ACABAMENTO é tão primoroso, tão perfeito e requintado, que só vendo mesmo. Depois de conhecer de perto a enceradeira Walita *Modelo Máximo*, a senhora vai dizer que ela é...

SIMPLESMENTE MARAVILHOSA!

E, se a senhora já tiver comprado outra marca de enceradeira... Bem, como dissemos, chorar de tristeza é força de expressão. Mas, é sempre desagradável a gente arrepender-se de uma boa compra, quando percebe que deixou de fazer outra ainda melhor.

NOVA ENGERADEIRA

Walita
Modelo Máximo

Se a senhora já comprou outra marca de enceradeira vai chorar de tristeza...
(depois de ver esta)

É interessante que a *Revista Cláudia* se propõe desde o seu início, em 1961, a ser uma revista da **mulher moderna**. Mas que mulher moderna é essa? A revista está **recheada de propagandas** e matérias sobre a inserção da mulher através do **consumo de produtos** que simbolizavam essa modernidade.

Mas quais são os **limites dessa modernidade?**

Outra questão importante: **quem pensava** sobre essa mulher moderna?

Inspirada na *Revista Claudia Argentina*, a versão brasileira surge pela **iniciativa de um homem**, Victor Civitas (muitas **revistas femininas eram gerenciadas e editadas por homens**). É claro que também devemos considerar que a revista só foi um sucesso porque as mulheres se identificavam com os temas e discussões propostos em suas páginas.

Medicina

O CORAÇÃO DE SEU MARIDO
ESTÁ EM SUAS MÃOS:
CUIDE BEM DÊLE



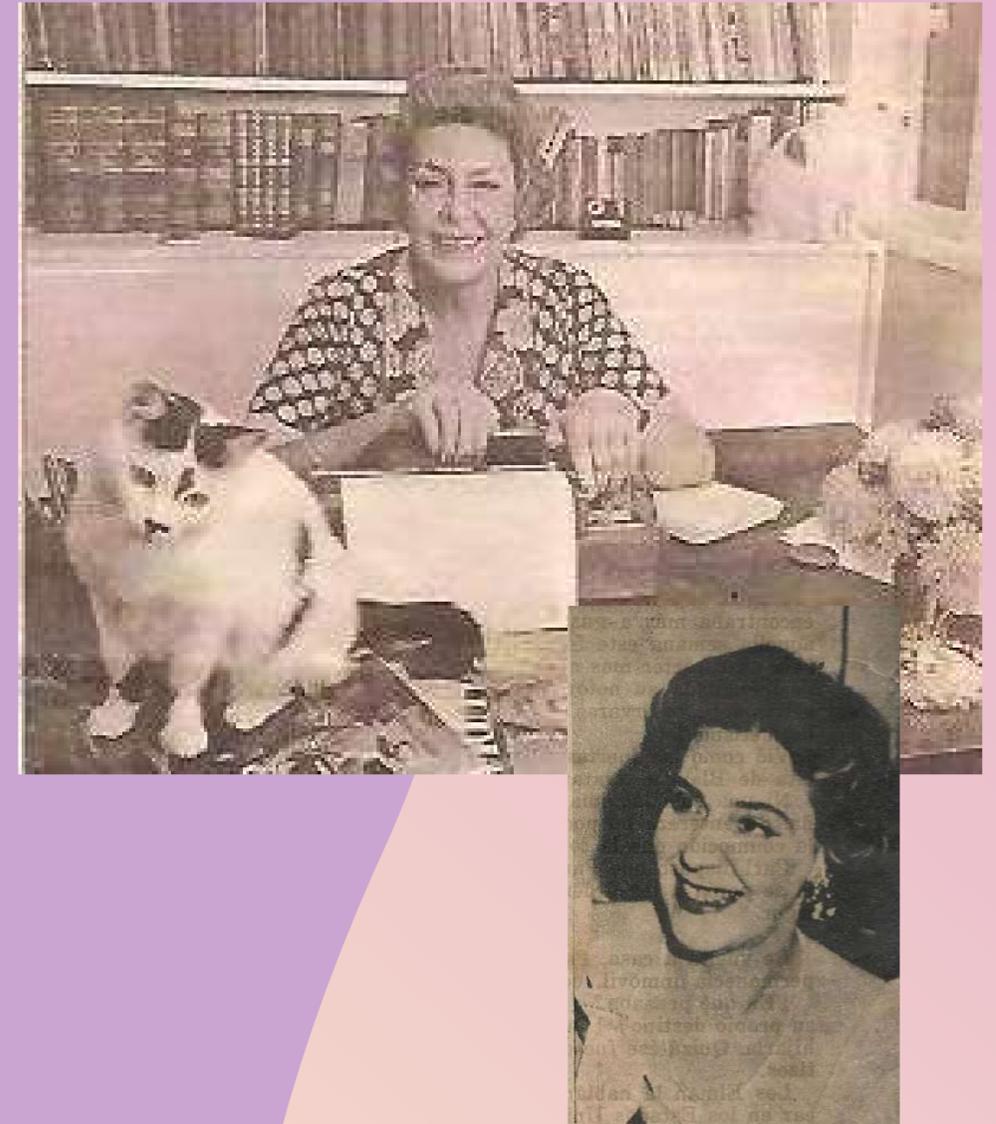
Carmen da Silva

Carmen foi **professora, escritora, psicanalista** e umas das **precursoras do feminismo no Brasil**. Buscando ampliar seus horizontes, em 1944 foi morar em Montevideú, onde trabalhou no Escritório Comercial do Brasil e no Comitê para a Defesa Política do Continente.

Em 1949, mudou-se para Buenos Aires onde realizou sua formação psicanalítica. Circulou entre grupos de **psicanalistas e intelectuais latino-americanos**. Foi lá que publicou seu primeiro livro "*Setiembre*", em 1957.

Em 1962, retornou ao Brasil. Um ano depois **começou a escrever para a Revista Cláudia**. Seus textos destoavam da predominância de assuntos como **beleza, moda e cuidados** com os filhos e marido.

Para saber mais: <https://www.carmendasilva.com.br/>



Carmen da Silva e a arte de ser mulher



O – Como começou seu trabalho na Cláudia?

Cláudia acabara de ser lançada e procurava uma pessoa que escrevesse todo o mês sobre mulher sob um título já escolhido “A Arte de Ser Mulher”. Comecei devagarzinho para não assustar ninguém. Para dar uma idéia, eu só usei a palavra feminista depois de oito anos na Cláudia. A cada artigo eu acrescentava 1 centímetro mais. Era um trabalho de formiguinha, de arregimentação de leitoras.

O – Parece que os diretores da revista nunca se preocuparam em ler seus artigos e prestar atenção à modificação das leitoras. Ela continua tratando de moda, decoração, filhos e cozinha, como se a mulher de 1962 fosse a mesma de hoje. E as revistas novas que surgiram, se deixaram a puericultura para trás, tratam a mulher ainda como um ser dependente do homem.

CS – A nova geração de mulheres que conheci esse ano, certamente, não lê nenhuma dessas revistas. Mas meu trabalho também não é dedicado a essas mulheres mais conscientes. O meu trabalho de formiguinha é para formar essas mulheres. Nas minhas palestras há ocasiões em que vejo que posso levar minha exposição um pouco adiante, mas há outras que, na hora das perguntas, percebo que o público não entendeu uma só palavra do que eu acabei de dizer.

Trecho de entrevista de Carmen da Silva para o jornal Opinião de 05 de março de 1976.

Mesmo sendo um trabalho de "formiguinha", os textos de Carmen geravam polêmica. Na época, as respostas das leitoras chegavam por cartas.



Ainda e sempre a atividade. A emancipação. A vida plena. Ainda e sempre, pois Claudia perderia sua razão de ser se aceitasse transformar-se em tribuna do conformismo, da comodidade mal entendida, da existência sem objetivos, da inconseqüência e do "vai levando".

Cada vez que esta seção aborda o tema "independência feminina", "participação da mulher na sociedade", "trabalho", já sei que posso esperar uma avalanche de cartas. Algumas de apoio. A imensa maioria de missivas, entretanto, é constituída de protestos, às vezes bastante amargos, de mulheres casadas, "pequenas rainhas tristes" que se sentem atacadas, tomando por agressão minhas palavras de incitação e estímulo.

Os sonhos e a realidade

A carta, assinada por "Loura antipática" (nem tanto, dizemos nós), começa por pintar uma visão absolutamente idealizada da mulher que trabalha fora de casa. Assim se exprime a missivista: "Sair e estar sempre bem vestida, bem penteada, unhas sempre manicuradas. Trabalhar em hora certa, descansar em hora certa. Travar relações e arejar as idéias (elas andam mesmo precisando de uma arejada, estão atrofiadas após tantos anos de limpar bumbuns de nenês...). Conhecer gente e lugares novos!"

A descrição passa por alto completamente os aspectos realistas da atividade; parece inspirada pelos modelos que posam para fotografias publicitárias de móveis de escritório ou máquinas de escrever: essas sim, são invariavelmente jovens, belas, elegantes, bem vestidas. Tudo isso misturado com cenas de filmes de Hollywood: finda a jornada de trabalho, a lindíssima secretária toma o carro e vai ao encontro da Aventura com A maiúsculo, do fascinante galã, da buate luxuosa, do fim de semana passado nas Bermudas. É óbvio que nossa

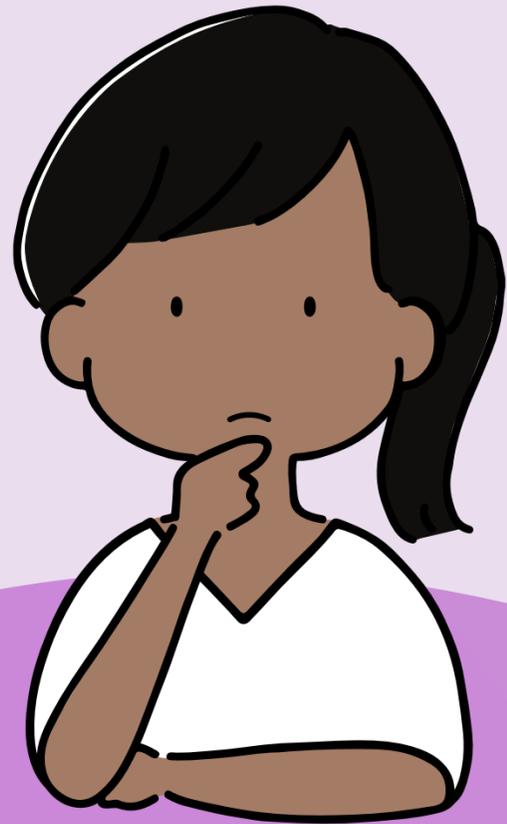
correspondente enfeita com um halo romântico demais a realidade da qual não participa, sentindo-se relegada a um âmbito onde imperam o sórdido, o feio, o desagradável, os nenês de bumbum sujo... Isso vem anular sua posterior afirmação de que vive realizada e contente com seu papel.

Aliás, essa é uma característica comum a tôdas as cartas de protesto. As missivistas se dizem satisfeitas com seu quinhão na vida, mas aqui e ali afloram, nítidos e inequívocos, os sinais de insatisfação. Nenhuma "rainha triste" consegue disfarçar bem sua tristeza e nem é preciso ser-se muito sutil para descobri-la: ela se revela não nas entrelinhas, mas nas contradições, na inconsistência dos argumentos, nos ocasionais lamentos. Nota-se claramente que essas cartas, em última instância, não estão dirigidas a mim: suas autoras discutem consigo mesmas, procuram alegações para aplacar a própria consciência que em muitos casos se mostra bastante insubornável.

Mas há uma faceta ainda mais importante a destacar na parte do texto acima transcrito. Em nenhum momento nossa correspondente menciona o fundamental: a responsabilidade. Ser ativa, e integrar-se no mundo, para ela, consiste em sair de casa impecavelmente arrumada e estar nos lugares onde "acontecem coisas". Já podemos vislumbrar agora a origem do protesto das rainhas tristes contra o trabalho e a participação social. Esse repúdio parte da negação da responsabilidade, da ojeriza à responsabilidade. "Trabalhar é bonito, divertido, apaixonante: se eu pudesse, trabalharia", dizem. Mas no momento que comesçassem, não teriam mais remédio que sacrificar suas ilusões românticas e enfrentar um fator inescapável: a responsabilidade, sem a qual não há liberdade, não há realização, não há integridade, não há perspectivas de alcançar a condição humana em plenitude.



Para Pensar



O trabalho de Carmen foi muito questionado por ser muito brando, mas será que ela teria espaço em uma revista de grande circulação se radicalizasse o discurso?

Ela tinha que se equilibrar entre as demandas da diretoria da revista e as das próprias leitoras, que muitas vezes se incomodavam com seus textos. E aqui temos uma questão importante: As revistas e jornais femininos procuravam agradar seu público. E as leitoras ficavam felizes com as reportagens e assuntos abordados. Mas será que tanto as leitoras como as revistas não reproduziam o que aprenderam, ao longo de toda a vida, sobre o que era ser mulher? Qual foi a importância de uma voz feminina que começasse a mudar aos poucos essa situação?



Além do **Mercado Editorial**, é importante considerarmos o período histórico em que Carmen escreveu. De 1964 a 1985, nosso país foi governado por uma ditadura civil militar. Este regime promoveu **censura à imprensa**, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime. Com a **reabertura democrática**, a partir de 1974, houve mais espaço para a imprensa alternativa. Um desses jornais foi o **Mulherio** que **denunciou** a censura de **matérias relacionadas às mulheres** nesse período.



Mulherio ano VII, nº28, mar/abr de 1987



Algumas das matérias censuradas

- *A indiscutível, nunca proclamada (e terrível) superioridade da mulher*

Num texto bem-humorado, vão caindo por terra todos os argumentos usados para justificar a inferioridade feminina: “Faz um milhão de anos, o homem sentou-se numa pedra, pensou, pensou, e descobriu o complexo de inferioridade: A mulher pode procriar, eu não. A inveja que sentiu foi tão grande, que era preciso inventar alguma coisa para compensar. Então, começou a dizer: “Mas eu sou mais forte, mais inteligente; a mulher é fraca e burra. Eu sou superior.”

- *Ela é Assim*

Matéria sobre o funcionamento de todo o aparelho genital feminino, a célula-ovo, os cromossomos, a ovulação, fecundação, gravidez e parto.

- *Esta mulher é livre*

Entrevista com a atriz Ítala Nandi, que responde: “E daí? Não faço questão de ser rotulada de uma maneira ou de outra. O importante, para mim, é descobrir, cada dia que passa, que sou um pouco mais livre do que ontem...”

- *Consultório Sentimental*

Matéria de Carmem da Silva sobre a farsa desse tipo de serviço: “O que caracteriza a maioria dos consultórios sentimentais é o otimismo cego e o mais rançoso convencionalismo. Os conselheiros têm uma fé ilimitada e teimosa no poder da sugestão. À deprimida, recomendam: “Reaja, saia, passeie, divirta-se.”

- *Sou mãe solteira e me orgulho disso*

Depoimento de uma mulher que resolveu assumir sozinha seu filho. Num box da matéria, o dado: na maternidade Pró-Matre do Rio de Janeiro, 25% dos partos atendidos são de mulheres solteiras.

- *Três histórias de desquite*

A de Elisa, de 34 anos, que mora com os pais e se considera infeliz; a de Dagmar, 42 anos, que é arrimo da casa e vive só para a filha; e a de Emília, que se casou novamente.

- *Empregadas domésticas*

A falta de infra-estrutura para que a mulher trabalhe fora gerou uma mão-de-obra peculiar: a empregada doméstica, na maioria das vezes obrigada a residir no serviço, com folgas quinzenais e jornada de trabalho sem limites nítidos. Para fugir de condições que cerceiam seu convívio com a própria família, a empregada opta por ser diarista ou operária. Em ambos os casos o salário torna-se insuficiente, pois é gasto em alimentação e condução.



Para Investigar

Por que a censura proibiu matérias que mostravam as mulheres de forma diferente daquela que vimos nas revistas femininas? Por que acha que estas matérias foram censuradas?

Pesquise sobre o lema "*deus, pátria e família*". Você acha que o apoio dos defensores desse lema à ditadura influenciou a censura às matérias sobre as mulheres?

Vendo a pesquisa da *Revista Realidade* sobre a opinião das mulheres em 1967, você acha que a falta de retratar mulheres que expressavam suas opiniões, trabalhavam, se divorciavam teve influência nas opiniões das mulheres?

Entre as matérias da edição proibida, constava a pesquisa "O que pensam nossas mulheres", com dados que provam que as mulheres mudaram. Na época, 38% votavam em quem o marido indicava, 59% acreditavam que o homem era mais inteligente do que a mulher, 77% afirmavam que o País seria melhor dirigido por homens, 67% achavam que as mulheres deveriam casar virgem, 95% afirmavam que a mulher precisava ser bonita para ser feliz, 18% das solteiras e 31% das casadas concordavam que a função da mulher é apenas satisfazer sexualmente o marido. A pesquisa também revelou um dado até hoje inquietante: 44%, isto é, uma em cada quatro das 1.200 entrevistadas, já abortaram.

Pesquisa de opinião da Revista Realidade que foi censurada em 1967
Mulherio ano VII, nº28, mar/abr de 1987





Mememes pelas Mulheres

Hoje não temos censura, mas há discursos que reproduzem que as mulheres devem ser belas, recatadas e do lar. Mulheres destoantes dessa imagem incomodam. Neste caderno vimos a matéria da Veja "Bela, recatada e do lar", de 2016. Diferente dos anos 60, as mulheres não escreveram cartas, mas foram para as redes sociais e criaram mememes para rir e protestar contra este tipo de discurso. É importante ressaltar que os mememes não são contra as mulheres que realmente amam cuidar dos seu lares, mas sim contra a tentativa de encaixar todas as mulheres nessa função e não dar espaço para formas diferentes de ser mulher.

Então a gente te convida a criar o seu mememe!

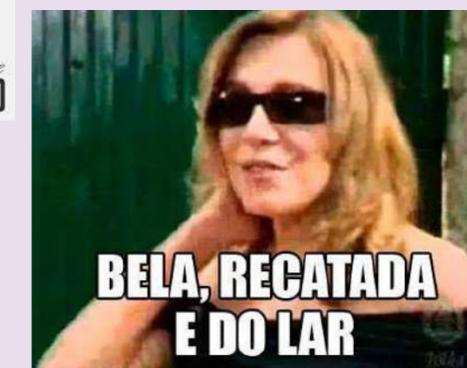
Que mulher você quer ser? ou o que deseja para as mulheres que você ama?

Se for publicar nas redes sociais não esquece de nos marcar!

#mesdamulhersedac #mesdamulhermusecom @visitemusecom



SOU BELA, RECATADA E DO LAR
SOU LOUCA, CORAJOSA E DO BAR
SOU LUTA, VALENTE E DA RUA
SOU SONHO, DISTRAÍDA E DA LUA
SOU BICHO, FERÓZ E DA FLORESTA
SOU GENTE, ALEGRE E DE FESTA
SOU MULHER ONDE QUER QUE EU ESTEJA
SOU O QUE EU QUISER E NÃO O QUE DIZ A VEJA
VIA FEMINISMO POÉTICO



De onde tiramos essas informações?

Segue aqui a lista de artigos, trabalhos e fontes que utilizamos para produzir este caderno.

BORGES, Juliana Teixeira. O retrato da mulher nas revistas femininas: uma análise da imagem construída pela revista Cláudia.

DUARTE, Constância Lima. Imprensa feminina e feminista no Brasil: nos primórdios da emancipação. Disponível: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/article/view/21741/20054>>.

PASSOS, Clarice Medeiros. A escrita de Carmen da Silva: As colunas a arte de ser mulher. Porto Alegre, 2012

Caderno 01: Carmen da Silva, uma rio-grandina precursora do feminismo brasileiro. Disponível: <<https://www.carmendasilva.com.br/recortes-jornalisticos/caderno-01>>

Mulherio: A Imprensa Feminista na Ditadura Militar. Não me Kahlo, 2017. Disponível em: <<https://naomekahlo.com/mulherio-a-imprensa-feminista-na-ditadura-militar/>>.

